



Daniel Brasil Justi (UFRJ)

Juliana Batista Cavalcanti (UFRJ)

Renata Rozental Sancovsky (UFRRJ)

O volume 12 do ano de 2014 da Revista Jesus Histórico e sua Recepção traz como eixo norteador “memória e experiências religiosas”. A opção por esta temática em nosso dossiê foi por conta da necessidade sentida, por parte do editorial, de um amplo debate sobre de que forma as experiências religiosas em sua fase de estruturação e manutenção de seus grupos irão lembrar/criar, alterar, esquecer/silenciar e interpolar memórias de forma que estas memórias se ajustem ou deem conta das demandas no contexto em que estas memórias foram ativadas ou obscurecidas.

A temática ainda permite vislumbrar que a partir dos mecanismos de memória, conjecturam-se concepções de certo e errado; constituem-se ideias altamente intolerantes e desrespeitosas que por vezes acabam por resultar em ações aniquiladoras e segregadoras. Tomando como base este eixo a sessão resenha contém a resenha produzida por Caroline Alves Marques Mendes sobre o livro *O Santo Reich* de Steigmann-Gall. Em seu texto, Caroline Alves Marques chama a atenção para que de forma o movimento nazista se colocou como uma recepção do cristianismo; fato este que em muitos dos casos nos passa despercebido. Além disso, a autora ressalta a importância da leitura deste livro no cenário brasileiro, posto que a obra no cenário internacional acabou por corroborar para a difusão de um assunto que há tempos vem sendo discutido na historiografia.

O campo artigos, como de costume apresentam sete artigos. O primeiro é de Lair Amaro dos Santos Faria, intitulado *O quarto evangelho e suas fontes primárias*. Faria reflete brevemente sobre o evangelho de João no que diz respeito a sua relação com os demais evangelhos, chamados Sinóticos. Bem como que fontes o autor do evangelho de João teria recorrido para redigi-lo.

O artigo de Vítor Luiz Silva de Almeida, intitulado *Samaria, Samaritanos e o Jogo das Memórias*, nos traz um artigo de suma importância. Chamando atenção

para os usos da memória na construção da história o autor analisa qual seria a relação entre as produções textuais judaico-cristãs e a história da Samaria e dos samaritanos.

Renato Torres Anacleto Rosa em *O Concílio Vaticano II: o conclave que mudou os rumos da Igreja Católica* a partir da análise dos documentos “Nostra Aetate” e “Gardium et Spes” nos mostra que forma a Igreja Católica volta-se para si mesma a fim de dar respostas ao ideário ecumênico e qual seria sua postura frente as demandas do mundo contemporâneo.

Nicolas Theodoridis, em seu artigo *A filosofia do Kosmos – dos mitos da criação a visão filosófico-científica grega do século VI A.C.*, atenua para as mudanças sofridas no pensamento mítico frente ao novo olhar inserido através da filosofia. E de que forma estes dois olhares responderão aos questionamentos do homem no período demarcado.

Osvaldo Luiz Ribeiro, em *Mas como chegou mesmo a fé em Damasco? – Impressões sobre a relação retórica entre Lucas 24 e Atos 1:1-11 e Marcos 5:1-20*, nos alerta para as disputas entre as testemunhas oculares. Ou melhor, Ribeiro a partir das perícopes Mc 5:1-20, At 1:1-11 e Lc 24 reflete de que forma as igrejas de Jerusalém e de Damasco, onde Paulo teria recebido os ensinamentos que foram base de seu ministério, estariam rivalizando como detentora das memórias de e sobre Jesus.

O artigo *Invertendo o jogo: a crucificação de Jesus usada como arma para desqualificar a divindade do imperador segundo o evangelho de João*, de Daniel Soares Veiga, nos vislumbra de que forma o evento da crucificação de Jesus que era tido como um ato vergonhoso é transformado e serviu de argumento para provar a divindade de Jesus. Alterando assim a ordem, isto é, o que era antes envergonhado se tornou vitorioso (Jesus) e o glorificado se tornou o derrotado (Império Romano).

André Luis Barroso, em *Debate teórico-metodológico para uma História das Religiões e para uma História dos Cristianismos Antigos na costa Norte-africana*, num primeiro momento nos chama atenção que as ciências humanas devem incluir em sua agenda a superação de toda e qualquer leitura confessional e essencializada. Leituras estas que impedem a percepção da pluralidade das experiências religiosas. E que ainda contribuem para obscurecer experiências como as encontradas na costa africana. O autor conclui que apenas com a percepção de que toda a experiência religiosa é plural é de que poderemos tomar conhecimento de outras leituras, leituras estas que por serem diferentes da dita oficial, não significa que as mesmas sejam errôneas ou que muito menos devam ser silenciadas.

Esperamos mais uma vez que a Revista Jesus Histórico e sua Recepção seja um canal para a fomentação de debates e reflexões.

Uma boa leitura!